

RB: O Garotinho, a gente sabe muito bem, enfim, tenho boa relação com ele, mas é uma pessoa um pouco mais ensaboada, um pouco mais carregada de, digamos, de esperteza em dado momento. A Rosinha não, é uma pessoa pura, transparente, o que ela fala é aquilo que ela pensa. O Garotinho nem sempre é assim, o que o Garotinho fala nem sempre é o que ele quer e nem sempre é o que ele pensa. Ele é um estrategista, joga xadrez o tempo todo. Então, às vezes, ele fala uma coisa, mas ele quer chegar em outro lugar completamente oposto. Ela foi uma grande governadora. Quando conversava, olhando nos olhos, era aquilo, não tinha nada além daquilo, não tinha nenhuma maquinação por trás do posicionamento dela, diferentemente do Garotinho, que sempre tinha. Eu me lembro dessas coisas de assessorar, falando de Garotinho, fazendo diferença entre Garotinho e Rosinha. Em um momento, o Garotinho estava insistindo numa posição que eu achava equivocada e eu falei: "Garotinho, com todo carinho, não quero aqui contestar, mas você que sabe o que faz, você já foi governador, você é candidato à presidência da República e tal, mas acho que você está errando por isso, por isso por isso, por isso". Ele divergiu: "Não, você está errado bababá bababá". Eu falei: "Acho que devia fazer isso, isso". Mas ele discordou frontalmente de tudo que eu coloquei. Bom, uma semana depois, numa entrevista coletiva, o Garotinho repete tudo o que falei, como se tivesse assimilado 100%. Passou a ser ideia dele.

CM: Até que ponto ter sido secretário de Estado, estar do outro lado do balcão, ajuda a compreender esses bastidores da política que você faz na Agenda do Poder? Qual a importância de ter estado no outro lado do balcão? Eu pergunto isso até por causa própria, porque eu também tive chance de ser secretário de Estado de Turismo. Até que ponto lhe dá uma leitura privilegiada?

RB: Com certeza dá, Magnavita. Primeiro, o seguinte, a gente faz uma diferenciação clara entre o declaratório e o fato real, porque a gente sabe que há um esforço de todos os políticos em dissimular um pouco o que está acontecendo. A declaração nem sempre coincide com o que está acontecendo nos bastidores. Então, a primeira certeza que nos ocorre é não confiar plenamente no declaratório, tentar desvendar um pouco mais o que está por trás das declarações formais, porque a gente sabe que o que estava ocorrendo era obviamente diferente do que era declarado. Era diferente do que era apresentado nas entrevistas coletivas e tal. Isso era muito evidente, a diferença entre o fato real e apresentação formal do que estava acontecendo. Bom, esse eu acho que é o ensinamento mais claro. Então, quando eu vejo algumas declarações, tomo quase todas elas com desconfiança, entendo a posição do político, entendo a posição do entrevistado, porque é o papel dele, mas eu sempre quero ir além do que ele está dizendo, porque eu sei que ele não está dizendo tudo.

CM: Aquela questão do rei Nu, não adianta botar uma manta que você enxerga. Agora, como é que você vê essa nova geração de jornalistas? Você tem um carinho e tem uma relação muito especial com o Paulo Capelli, com Pedro Figueiredo, com o Gabriel Saboia. O próprio Tiago Prado que te liga sempre...

RB: Eu acho que é uma geração muito competente. Obviamente que é uma geração que vive um momento diferente do jornalismo, esse digital. Na verdade, a gente sabe, você sabe e eu também, que antigamente a gente era um pouco mais devagar para apurar, porque, eu me lembro, que saía para fazer uma matéria voltava para a redação às quatro horas, chegava às cinco, escrevia até às seis e tal, e aí ia para o fechamento. Tinha três, quatro horas, hoje tudo é muito corrido, então o jornalismo é um pouco diferente. O furo passou a ser real time, então você não tem tempo para poder elaborar. Eu me lembro que eu gostava de elaborar o texto com mais cuidado, fazer um pouco mais trabalhado, mais charmoso. Eu confesso que hoje, com essa necessidade de se ter um resultado a curto prazo, quase que imediato, isso fica um pouco prejudicado. Tem que escrever muito rápido, tem que botar no ar muito rápido. Obviamente tem que ser preciso, tem que manter a mesma precisão, mas



Ricardo Bruno fez parte da equipe do governo Rosinha Garotinho, como secretário de Comunicação

com muito mais rapidez. Eu vejo um pouco de diferença e acho que esses jornalistas dos tempos atuais conseguem fazer dessa forma muito bem, Paulo Cappelli, Saboia e outros.

CM: Eles são pessoas preparadas e não se deixam iludir pela relação com o poder. Eu gostaria de falar agora da Agenda. Como é que surge a Agenda do Poder, hoje é um dos principais sites brasileiros na área política?

RB: A Agenda do Poder foi uma história curiosa. Quando saio do governo do Estado, o Flávio Martinez me convida para apresentar o programa Jogo do Poder na CNT.

CM: Ele está no ar há quantos anos?

RB: Ele já estava no ar, na verdade, já há muito tempo, antes de eu apresentá-lo. Só comigo já estava há 18 anos. E comecei a apresentar o programa. E com o boom da internet, que aconteceu talvez há uns 20 anos atrás, eu comecei a receber sugestões. "Por que você não migra um pouco para a internet? Não faz alguma coisa dirigida à internet?". E eu confesso que durante uns três anos eu resisti um pouco a me moldar a essa inovação tecnológica, a direcionar o meu esforço jornalístico para isso, como se aquele mundo não fosse o meu mundo. Eu falei: "Bom, eu não sei, internet e tal", enfim, eu comecei a olhar com atenção para aquele espaço, para aquele novo modelo de Jornalismo, mas eu resisti por algum tempo em abraçá-lo, em aderir-lo. Até que houve a necessidade, eu vou confessar aqui, enfim, uma situação comercial, uma pessoa que havia determinada verba publicitária, mas só para a internet. E aí eu falei: "Eu vou começar a tratar disso com alguma seriedade".

CM: Porque hoje as pessoas não percebem a estrutura que você tem? Qual é a estrutura que você tem hoje?

RB: Hoje nós temos, na Revista Rio, 12 pessoas profissionais, a maior parte deles, 8 jornalistas, e gente do naipe de Aydano Morta, que é egresso do Globo, Mário Renato Marona, que foi diretor de jornalismo do Globo em Brasília, editor-chefe do Jornal Nacional, o Jan Theophilo, temos um time muito qualificado. E no site também, no site nós temos a participação de jornalistas consagrados na imprensa de cidade do Rio de Janeiro, como o Tiago, Carlos, egresso do Dia, temos o Marcelo que tem uma trajetória do jornalismo de Niterói muito grande, foi editor da Tribuna, temos a Carol, que é uma jornalista que veio de Brasília. Temos uma equipe só em rede social, uma equipe de cinco pessoas. Temos equipe de repórteres, temos o Villaverde também, que foi do O Dia. Só a equipe de repórteres são mais seis repórteres e editores que fazem a edição da capa. O Nicolas, que é uma equipe de São Paulo, que cuida de toda a TI nossa e cuida também do site do Brasil 247 e de outros sites. Então, assim, o curioso disso tudo, Magnavita, é que o Nicolas trabalha de São Paulo, o outro trabalha de Niterói, eu trabalho do Rio, enfim, cada um trabalha num local, numa cidade. Obviamente que a gente se encontra para afinar as posições em reuniões, mas o dia a dia é cada um na sua localidade.



Ricardo Bruno é referência no jornalismo político

“ Quando eu vejo algumas declarações, tomo quase todas elas com desconfiança, entendo a posição do político ”

CM: Estamos chegando ao final da conversa e uma das coisas que eu vejo é a questão da responsabilidade, porque tem muito jornalista que faz questão de ligar o ventilador ou botar fogo no circo. Quantas vezes você sabia que se publicasse o circo ia pegar fogo e, em prol do Rio, em prol de uma harmonia política, deixou de ser um petardo destrutivo? E deu até a notícia, mas equilibrando a informação?

RB: Isso acontece muito. Eu confesso, Magnavita, que esse tipo de consciência, esse tipo de ponderação, eu adquiri com o passar dos anos. Eu, há 25 anos, não resistia a qualquer ponderação. Achava que, a notícia, eu tinha que detoná-la a qualquer preço, a qualquer custo. Mas, com o passar do tempo, a gente vai amadurecendo, vai vendo como as coisas na prática se dão, começa a fazer análises. Se aquilo vale a pena detonar naquele momento, ou se é melhor guardar aquela informação, aprimorar e, daqui a um mês, daqui a 15 dias, noticiá-la, publicá-la com maior riqueza de detalhes e sem o efeito destrutivo bomba de Hiroshima que teria se dado naquele momento.

CM: Mas isso ajuda na credibilidade e na confiança com a fonte?

RB: Ajuda. A fonte confia mais em você e, ao confiar, volta a te passar outras informações com exclusividade e esse é um processo que vai se retroalimentando do ponto de vista positivo. E eu hoje tenho, obviamente, esse tipo de equilíbrio, esse tipo de entendimento, de que a informação é valiosa, sempre valiosa e eu vou querer recebê-la a todo momento, mas é preciso dosar e, digamos, avaliar qual é o momento adequado para publicá-la. Nem sempre o momento é o seguinte àquele que você recebeu com exclusividade a primeira informação.

CM: Você tem três filhas, duas grandes e uma caçulinha agora. Muda ser pai e ter uma filha de idade de 10 anos?

RB: Muda muito, Magnavita, porque, primeiro, a época em que eu tive as duas primeiras eu estava trabalhando no Globo e trabalhava até uma, duas da manhã. Chegava em casa e não conseguia nem vê-las. Elas estavam dormindo. Estudavam de manhã, e eu dormia tarde, acordava às nove horas, elas já estavam na escola. Então eu passava às vezes a semana inteira sem encontrá-las, só no final de semana que eu não estava de plantão, porque o plantão era de 15 em 15 dias. Eu me lembro que no episódio do Bateau Mouche, daquele acidente, lá na Marina da Glória, era Réveillon e eu não pude passar o Réveillon com minhas filhas.

CM: Mas hoje você compensa?

RB: Então, tudo isso para dizer o seguinte. Hoje é diferente. Eu valorizo cada minuto, eu priorizo momento a momento dessa relação. Ou seja, não que a gente goste mais de um do que outro, ao contrário, a gente gosta das três, mas você entende a importância da dedicação aos filhos de maneira diferente.

CM: Quando você vê a sua menina de 10 anos na internet, é algo mágico a cabeça de uma pessoa de 10 anos hoje...

RB: É totalmente diferente. Eu vejo o desembaraço, e a destreza com que ela entra na internet, entra em sites e entra em aplicativos, coisa que eu demorei algum tempo para aprender, ela talvez tenha quase que fosse algo inato.

CM: Agora Ricardo, para finalizar, por que os governos tratam tão mal a área de comunicação? Não consideram que a Comunicação Social é uma obrigação do governante em prestar contas do que faz. A gente tem vários casos no Brasil de governadores que são excelentes no que faz, mas isso não chega ao grande público por uma miopia na gestão da comunicação. Como é que você vê isso nacionalmente?

RB: É verdade. Acho que a comunicação em alguns governos e algumas administrações é muito falha. No próprio Governo Federal é muito falha. E aí tem duas, algumas razões, não existe uma única razão. Eu acho que uma das razões da falha de comunicação em relação aos governos têm a ver com a matriz ideológica do Governo. Os governos de esquerda desaprenderam a lidar com a comunicação atual, com as redes sociais, enfim, é uma outra linguagem.

“ Nem sempre o momento é o seguinte àquele que você recebeu com exclusividade a primeira informação ”

CM: Por que estavam acostumados a tratar com a mídia repleta de militância?

RB: Repleta de militância, exatamente. Quando isso deixa de ocorrer, eles, então, na verdade, perdem vantagem em relação aos governantes de direita ou de centro-direita, que passaram a ocupar esse espaço com muita competência, através das redes sociais. É preciso hoje, para uma comunicação ser efetiva, ter um bom trabalho direcionado aos veículos tradicionais de imprensa, que complementam e dão credibilidade, porque nem sempre a rede social dá credibilidade, mas a rede social também é indispensável. Você não pode abdicar de um bom trabalho direcionado às redes sociais.

CM: Está aí o caso de João Campos, que é um fenômeno...

RB: As coisas se complementam. Há governos que são bem sucedidos na rede social, mas não tem um bom desempenho na relação com a mídia convencional. E há outros que mantêm-se apenas com aquele padrão um pouco mais antigo de comunicação, voltado apenas aos veículos tradicionais, à Rede Globo, achando que tudo se resolve assim. Hoje não é mais assim. Durante anos, perdeu a ideia de que com uma grande publicidade, uma grande campanha, uma relação, digamos, amíuade, azeitada com a Globo, eu resolvo tudo. Hoje não resolve tudo. Isso não é suficiente.

CM: A própria Globo está se re-endo, em termos de posicionamento editorial, porque ela passou a ser questionada...

RB: Então não basta ter uma boa relação com os veículos que ocupavam, essa centralidade na comunicação. É preciso ter uma visão um pouco mais aberta, não estreita, e que contemple veículos de nicho. Hoje nós temos muitos veículos que ocupam nichos, falam para nichos da sociedade. Então, ter esse entendimento de que é preciso também atingir esses nichos através de veículos direcionados a esse segmento é extremamente importante, é o dever do governante. E não falar só através dos veículos que supostamente ocupam essa posição que antes era majoritária.

Claudio Magnavita: E como eu disse, me despedindo, veículos como o seu, citados, passam ser referência dos meus veículos. Muito obrigado e é prazer retomar essa série de entrevistas com esse lado humano. O Ricardo Bruno a gente conhece, acessa e lê diariamente. Mas hoje tivemos a oportunidade de mergulhar um pouco na história desse garoto que já usurpava os domingos familiares.